

Luiz Síveres
José Ivaldo Araújo de Lucena
Organizadores

DIÁLOGO

Uma Perspectiva Educacional



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,
Educação e Sociedade

Brasília, DF
2019

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade.

The authors are responsible for the choice and presentation of information contained in this book as well as for the opinions expressed therein, which are not necessarily those of UNESCO and do not commit the Organization.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Coleção Juventude, Educação e Sociedade

Comitê Editorial

Geraldo Caliman (Coordenador), Célio da Cunha, Carlos Ângelo de Meneses Souza, Florence Marie Dravet, Luiz Siveres, Renato de Oliveira Brito.

Conselho Editorial Consultivo

Maria Teresa Prieto (México), Bernhard Fichtner (Alemanha), Roberto Silva (USP), Azucena Ochoa Cervantes (México), Cristina Costa Lobo (Portugal).

Revisão: *Renato Thiel*

Projeto gráfico / Impressão: *Cidade Gráfica e Editora Ltda.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D536

Diálogo: Uma perspectiva educacional. Luiz Siveres; José Ivaldo Araújo de Lucena (orgs.)
– Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de
Brasília, 2019
260 p.; 24 cm.

ISBN: 978-85-62258-42-8

1. Educação 2. Sociologia da Educação 3. Pedagogia 4. Diálogo 5. Processo Ensino-
Aprendizagem 6. Metodologia de Ensino 7. Formação Cidadã I. Siveres, Luiz (Org.)
II. Lucena, José Ivaldo Araújo de (Org.) III. Título

CDU: 37:82-83

Elaborado por Charlene Cardoso Cruz – CRB -1/2909

Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade

Universidade Católica de Brasília Campus I
QS 07, Lote 1, EPCT, Águas Claras 71906-700
Taguatinga – DF / Fone: (61) 3356-9601
catedraucb@gmail.com

CAPÍTULO XII

Diálogo de saberes: caminhos e travessias

Idalberto José das Neves Júnior²⁶

Rosa Jussara Bonfim²⁷

Luiz Síveres²⁸

Dialogando

*O diálogo é uma tessitura que ora costura, ora mistura
Nesta mistura dialógica, meio arretada, meio arrumada
Mas, sempre humanizada.*

*No diálogo, o ouvir é uma arte e a complexidade dá o tom da dialogicidade
Na família, no trabalho, na sociedade
Se não houver diálogo, como sentir o outro e suas necessidades?*

*Viver sem dialogar é como não
Falar uai em Minas Gerais
Sentir a neve no Canadá
Tomar chimarrão na solidão.*

*Diálogo é a interação:
Do ser e do saber
Do viver com o conviver
Da ciência com consciência.*

(Rosa Jussara Bonfim, outono de 2019)

²⁶ Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Brasília.
E-mail: idalbertoneves@gmail.com

²⁷ Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília.
E-mail: rosajussarabonfim@gmail.com

²⁸ Pós-Doutorado em Educação e Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
E-mail: luiz.siveres@gmail.com

Introdução

Este trabalho nasceu da experiência de organizar e oferecer o I Simpósio Diálogo Educacional: caminhos e travessias, para educadores da rede pública municipal da cidade de João Pinheiro, localizada no noroeste de Minas Gerais, em maio de 2019.

Esse evento teve o objetivo de proporcionar um espaço de divulgação, reflexão e interação entre seus participantes, educadores e pesquisadores, com a realização de duas oficinas e três palestras, assim intituladas: 1. Diálogo dos saberes: a travessia educacional; 2. A complexidade na educação e o diálogo nas práticas educativas: é possível ser um professor exemplar; 3. O Sentido e Significado no processo educativo.

Em essência, a concepção do Simpósio buscava a formação continuada de educadores no aprimoramento dos saberes docentes e do ser discente, presentes na formação profissional, nas disciplinas, nos currículos e nas experiências, tendo relação íntima com o trabalho na escola e na sala de aula.

O contato com os educadores por meio das palestras e oficinas pedagógicas possibilitou a construção das reflexões aqui propostas, as quais permitirão oferecer oportunidades para a comunidade acadêmica, suprindo-a com informações que lhe permitam novas reflexões sobre o assunto, tendo informações pertinentes acerca da influência docente na trajetória discente.

1. O percurso metodológico da pesquisa

Este estudo é caracterizado como relato de experiência, de forma a contribuir para o exercício da docência de educadores da rede pública municipal da cidade de João Pinheiro, localizada no noroeste de Minas Gerais, a partir do I Simpósio Diálogo Educacional: caminhos e travessias, realizado no período de 20 a 22 de maio de 2019.

A missão deste relato de experiência foi a de trazer a experiência do I Simpósio Diálogo Educacional: caminhos e travessias como uma possibilidade de relacionar a importância da interação entre o professor e seus estudantes, tendo como mola propulsora o diálogo. Para sequenciar esta pesquisa, se fez necessário ter consciência que houve uma estruturação de métodos sequenciados pelos organizadores do projeto e orquestrados por todos os sujeitos envolvidos.

Dessa forma, a abordagem do estudo foi de natureza qualitativa e pode ser

classificada como pesquisa participante, pois descreve as vivências e reflexões das práticas educativas realizadas no evento, a partir do olhar dos palestrantes, autores deste texto, em uma visão da prática docente pautada pela interatividade, afetividade e diálogo nos processos de ensino e aprendizagem.

Assim, partimos da premissa que a formação docente requer uma tríade de saberes: interação, afetividade e diálogo. Tendo como eixo norteador a pesquisa qualitativa e o método utilizado, a observação participante, que é uma combinatória da participação das pessoas, a observação e a escuta acerca do objeto da pesquisa, que neste caso, foram as atividades ocorridas durante todo o evento. Conforme Demo (2011), o pesquisador precisa ter noção de que durante a execução da pesquisa, a prática precisa ser aliada à teoria, isto é, ambas andam sempre juntas, lado a lado.

Para o autor, a prática do pesquisador é algo sublime, uma vez que a teoria funde-se com a prática, permitindo ao pesquisador uma boa noção do que ele irá expor durante os momentos do apanhado dos dados, pelos quais poderá fundamentar suas ideias, ou seja, “a pesquisa se justifica a partir de uma fundamentação” (DEMO, 2011, p. 7). Enfim, a pesquisa desvelou a liquidez e a fluidez necessárias a este trabalho, em que o observador atuou como participante ativo durante o processo de análise, que se fundamentou em Freire, Vygotsky, Buber, Síveres, entre outros, para desenvolver a dinâmica entre diálogo e dialogicidade.

A coleta de dados ocorreu a partir da observação dos palestrantes, em um processo interativo de suas palestras. Na palestra A complexidade na educação e o diálogo nas práticas educativas: é possível ser um professor exemplar, através de três enquetes, foram coletados dados sobre as memórias dos educadores participantes do evento, em resgatar um professor inesquecível (exemplar) que marcou, de forma positiva, sua vivência em sala de aula. A partir dessas memórias, ao final da palestra, efetuou-se a última enquete, permitindo uma autoavaliação dos educadores sobre as possibilidades de melhorias em suas práticas docentes.

Os dados foram organizados por meio de nuvens de palavras construídas de forma instantânea no momento de realização das enquetes. A análise dos dados foi realizada a partir das observações dos palestrantes realizadas em suas atividades no Simpósio e os autores do marco teórico sobre a tríade: interatividade, afetividade e diálogo nos processos de ensino e aprendizagem.

O pressuposto deste estudo foi que o Simpósio pôde possibilitar o exercício dessa tríade, sobre os preceitos da humanização e da dialogicidade.

O objetivo do evento foi o de proporcionar aos leitores a oportunidade de

conhecimentos relacionados aos benefícios de um diálogo integrador entre os professores e os educandos, reforçando, assim, a compreensão de que a interação entre professor e estudantes durante os momentos em sala de aula é permeada por emoções. E, a partir deste viés interacionista, identificar quando há interesse por parte do professor em promover a afetividade entre ele e o estudante. A foto 1 mostra um número expressivo de educadores que, durante três dias, se dispuseram a participar da experiência do diálogo, da interação e da afetividade, numa dinâmica holística entre o falar, o ouvir, o ser e o conviver.

Foto 1

Abertura do Simpósio com a participação dos professores



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Durante todo o percurso do Simpósio, o diálogo se manifestou das mais variadas formas, seja pela reflexão, pelo olhar, pelos depoimentos. Outra questão presente foi a de perceber se na atualidade a escola promove momentos reflexivos sobre as características que marcam educadores e educandos, e se as escolas estão se preocupando com o processo interativo que evolve as emoções ou apenas se ocupando com as ações mecanizadas do fazer.

Vale ressaltar que o I Simpósio Diálogo Educacional: caminhos e travessias faz parte de um projeto maior que relaciona pesquisa, extensão e produção,

financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAP-DF). Portanto, o principal objetivo deste trabalho é ter conhecimento da prática pedagógica em suas mais variadas faces, e oferecer informações que levem ao público o saber sobre a importância da conduta docente que agregue na acolhida o diálogo como propulsor de uma proximidade educativa com sentido e significado.

2. Iniciando o diálogo dos saberes: a travessia educacional

Quando buscamos entender as possibilidades que o diálogo oportuniza aos professores e estudantes, logo aprendemos quanto é valioso e gratificante trabalhar a educação integrada entre o ser e o saber. Rica a lógica desenvolvida na palestra Diálogo dos saberes: a travessia educacional. Por meio da letra grega *alpha*, foi possível verificar na simbologia da imagem do α , um fenômeno que retrata uma conjugação de situações que ocorrem no dia a dia nas salas de aula. O α foi apresentado pelo palestrante de uma maneira dialogal, em que o círculo representa a presença docente, o entrelaçamento das linhas representa a proximidade, ou seja, o encontro. E a abertura das linhas simboliza a partida.

A foto 2 apresenta o palestrante Luiz Síveres desenvolvendo a tese de que o processo de ensino e aprendizagem se organiza por meio de um movimento de presença, proximidade e partida. Síveres (2019), ao trabalhar a metáfora do α , argumenta que nessa dinâmica é indispensável integrar educador, processo educacional e finalidade do projeto educativo. Em toda a apresentação, o autor demonstra que a integração é construída e se revela por meio da competência técnica, mediante uma experiência ética e a partir de uma expressão estética.

Essa palestra, pautada no exercício do diálogo como viabilizador de práticas educativas, apresenta reflexões sobre as perspectivas ontológica (ser), epistemológica (saber) e metodológica (pedagogia), em busca de um fazer pedagógico que permita a abertura de um campo de possibilidades. Com esse propósito tem-se a prática do diálogo, que nem sempre é tão simples, pois as opiniões divergem, principalmente quando somos envolvidos por questionamentos, tais como: Eu sou? Posso ser? Por que devo me expressar? Com esses questionamentos, faz-se oportuno e necessário a compreensão do real sentido e significado que o diálogo tem entre se fazer presente, ser próximo e quais marcas deixaremos na partida. Observa-se que, sem a devida interpretação, não será possível desfrutar de um diálogo verdadeiro sem uma escuta cuidadosa.

Foto 2

Palestra Pedagogia Alpha - presença, proximidade e partida



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Na sua fala, o professor Luiz Síveres apresenta a presença como um exercício da condição humana, a proximidade como ato dialógico, social e pessoal entre professores e estudantes. E a partida, um movimento constante entre todos os sujeitos. Sempre em algum momento, deixamos alguma coisa. Assim, por se tratar da convivência na escola, é notório que os momentos de aproximação de um profissional exemplar, no caso, da figura do educador, isto traz confiança ao educando, além de reforçar a ideia de um aprendizado satisfatório de maneira a atender os anseios dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Entende-se, portanto, que ser dialógico é ter motivos para ser feliz naquilo que faz.

Neste interim, observamos que, de certo modo, há motivos para darmos o devido valor à interação, principalmente quando existe a necessidade de trazê-la para o ambiente escolar. Depois de considerarmos como um delimitador da interação educador e educando, sabe-se que sua valorização é inevitável, pois, uma convivência agradável entre todos permite o entendimento de que podemos defini-la como o resultado da união entre o saber (epistemologia), o ser (ontologia) e o agir (pedagogia).

3. Os lances e as nuances de um projeto interativo

A trajetória de coleta dos dados durante a pesquisa garantiu uma oportunidade ímpar. Os momentos das palestras, dinâmicas, musicalidade e depoimentos dos professores participantes foram suficientes para que pudéssemos ter inúmeras reflexões acerca da realização deste trabalho. Observamos que a escola e o modelo educacional adotado na atualidade é mais moderno, mais exigente, e cobra do profissional algumas habilidades que só ocorrem na profissão de professor. Porém, continua necessitando de uma visão humanista e particularizada do ser e do conviver. Ou seja, as relações precisam estreitar-se por meio do diálogo.

Conforme afirma Síveres (2017, p. 116), “essas possibilidades relacionais precisam, no entanto, levar em conta as características da sociedade contemporânea, que privilegia uma conduta humana baseada nos contatos e nas interações”, ou seja, no exercício da profissão de docente são impostas algumas condições que merecem um olhar crítico a esse respeito. Nota-se que, ao exercer a profissão de educador, assim como na realização de outros trabalhos em uma unidade de ensino, o professor precisa ter algum afeto com suas turmas. cremos que é neste momento que se fundamenta a relevância do diálogo interativo, conforme sugerido pelo professor Idalberto (foto 3), quando em sua fala destaca a relevância do professor exemplar, e quais características e complexidades permeiam o processo de tornar-se educador.

Foto 3 _ Palestra Interativa: A complexidade na educação: o diálogo nas práticas educativas



Fonte: Acervo
dos autores
(2019).

O palestrante, combinou momentos de reflexão, de diálogo e de interação a partir dos seguintes questionamentos: A escola atual promove momentos de reflexão sobre a interação, afetividade e diálogo? O professor promove estes conceitos em sala de aula e com seus pares? As escolas modernas se preocupam com as marcas deixadas na trajetória educacional de seus educandos? Discorrendo sobre essas questões, o palestrante, professor Idalberto, propôs enquete *online* perguntando aos educadores a respeito de memórias docentes de professores inesquecíveis (exemplares) que marcaram sua trajetória acadêmica, enquanto estudantes. Essa dinâmica dialogal, contou com a participação de 29 educadores e os resultados foram apresentados na forma de nuvem de palavras (figura 1).

Figura 1

Reflexão sobre as marcas que os educadores lembram enquanto estudantes



Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados na pesquisa (2019).

A figura 1 evidencia, por frequência de palavras (as mais nítidas), as que reforçam a questão da afetividade, que segundo Vygotsky, são momentos emotivos, que geram estímulos, que proporcionam a socialização entre os indivíduos. Entende-se que o autor reforça a ideia de que a afetividade está ligada aos princípios da vida, “vindos através dos estímulos ocorridos em uma pessoa” (2001, p. 23). Ou seja, que por meio da interação, da socialização e da afetividade, as pessoas se socializam e formam grupos que se identificam.

Especialmente no meio em que o indivíduo está convivendo, isto é, depois de ter seus estímulos aflorados, passa a ter interesses em algumas situações que podem chamar atenção, fato que sugere, então, a afeição e a necessidade de compartilhar situações do cotidiano, que implicam na interatividade. Numa oficina dialógica, a interação entre os professores, conforme é apresentado na foto 4, oportunizou ao segundo dia do Simpósio, trocas de saberes e sabores sobre a prática pedagógica.

Foto 4 - Oficina pedagógica: Interação matemática



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Segundo a educadora Fernanda Salla, houve uma inovação para definir o termo afetividade, argumentando a mesma que Wallon inovou o conceito, tratando a afetividade como aspecto central do desenvolvimento. Assim, o desenvolvimento é considerado o centro da qualificação do afetivo. “A reação humana é o que define seu estado” (SALLA, 2011, p. 3). Seja este ou aquele indivíduo, qualquer um deles tem suas características e em função disso se comporta diante de seus interlocutores.

Há um fator determinante para a definição do que a autora refere; de acordo com seu pensamento, o ser humano precisa estar apto a se posicionar, principalmente nos momentos em que ele procura entender se tudo o que está acontecendo ao seu redor é algo positivo ou negativo. Conforme Salla (2011), o desenvolvimento da mente solidária de uma pessoa ocorre sempre que ela é

afetada pelos estímulos ocasionados pelos gestos afetivos.

As marcas que deixamos em nossos estudantes ocorrem enquanto respondemos aos estímulos que estão ao nosso redor. Situação que pode ser observada na foto 5 da oficina de dobraduras e criação de histórias. Ali, cada educador teve a oportunidade de expressar seus sentimentos, seus dons e sua criatividade de maneira simples e com sutileza. E ao mesmo tempo dialogar com outras formas de aprender.

Foto 5 - Oficina pedagógica: As dobraduras e o conto



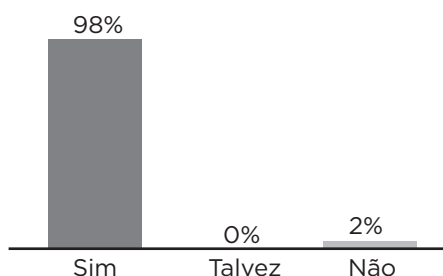
Fonte: Acervo dos autores (2019).

Essa dimensão relacional pode ser ampliada na medida em que os seres humanos são estimulados para o exercício de práticas educativas que envolvem a criatividade, a empatia e interação dentro do processo de ensino e aprendizagem. Para Síveres, “a dimensão relacional mais personalizada necessita, no entanto, ser ampliada com o objetivo de abranger o conjunto da comunidade escolar e o contexto sociocultural” (2017, p. 117). Portanto, a afeição é o resultado dos estímulos que afetaram o ser humano.

A respeito do processo de interação, pela foto 5, é possível perceber a sua ocorrência nas mais singelas situações de aprendizagem, desde que haja predisposição em abrir-se e socializar-se uns com os outros. Em decorrência dessa situação, para Vygotsky (1998), através de processos de interação e mediação, o desenvolvimento humano é materializado pelas trocas de saberes entre as pessoas.

O todo o tempo, foram observadas situações que evidenciaram a necessidade de maior aproximação entre o ser e o conviver. As discussões trouxeram a necessidade de pensar sobre a prática educacional e quais sentidos e significados as mesmas agregam, tanto para os educadores quanto para os educandos. Neste contexto, surgiu o lembrar do professor exemplar, que em forma de uma segunda enquete *online*, perguntou-se aos educadores se eles lembravam de pelo menos um professor inesquecível (exemplar). Essa enquete teve a participação de 41 educadores e seus resultados são apresentados no gráfico 1.

Gráfico 1 - Lembranças dos docentes



Fonte: Elaboração com os dados coletados da pesquisa (2019).

Os resultados apresentados na figura 2 confirmam os pressupostos trabalhados pelo professor Idalberto, em que a aproximação entre os estudantes e seus educadores deve acontecer sempre, fato que, consequentemente, forma o conceito que chamamos de comunidade educativa. Ela, de forma direta, participa, mostrando a todos o quanto é essencial uma prática pedagógica permeada pelo diálogo, para que os projetos no âmbito do ensino e da aprendizagem sejam também para a vida. Com certeza, estabelecerá a afetividade entre todos, e, consequentemente, todos se lembrarão de um professor exemplar que passou em suas vidas.

4. A dinâmica relacional entre educadores e educandos

Todo processo ocorrido durante os três dias do evento pautou-se na empatia necessária para que todos se respeitem e tornem o ambiente mais salutar, podendo, assim, todos participar da mesma linha de pensamento, desde carregada de singularidades e particularidades que, neste viés reflexivo, se

traduzem nas marcas que temos e que deixamos. A educadora e autora Gizele Parreira (2016) indica Martin Buber (1979), filósofo judeu, nascido em 1878 e falecido em 1965, como um grande pensador, porque ele traz para nossa reflexão o verdadeiro sentido da educação, compreendida como relação e encontro.

É neste sentido que é possível traçar uma análise relacionada aos questionamentos e pensamentos pertinentes ao sentido da educação e a afetividade entre as pessoas, principalmente nos tempos atuais. O sentido da educação, segundo Parreira, referencia-se na relação do ser humano que passa “[...] por processo de formação intelectual ou de aprendizado desde seus primeiros dias de sua vida.” (2016, p. 17).

Para Vygotsky (1998), a fala é uma das formas de linguagem através da qual os significados sociais são compreendidos e acordados; nela encontram-se expressões afetivas que se tornam igualmente alvo das interações: preferências, antagonismos, formas de expressar, pensar e agir. Ou seja, todo ser humano só descobre a vocação pela predisposição a uma vocação.

Acredita-se que a partir do crescimento é que nasce o entendimento de sua existência. Seria como se fizesse a pergunta para si mesmo: Por que eu existo neste mundo? “Depois de sua interação com seu próximo é que ele entende, minha existência é para ser um ser social, para isto que nasci” (PARREIRA, 2016, p. 17). No entanto, não restam dúvidas de que a nossa existência está ligada ao nosso entendimento, porque vimos que todo ser humano só percebe que ele é fruto de sua existência depois que for informado disso; esta ideia até poderia permitir em pensar que toda pessoa antes de ser ensinada é considerada como inocente.

Parreira (2016), ao trazer o pensamento de Buber sobre a questão, enfatiza sobre a dupla estrutura da própria existência humana, porque entende-se que o comportamento de um indivíduo é moldado quando ele ainda é criança, no entanto, quando adulto, ela apresentará ou não a sua capacidade de definir se deve ou não ser uma pessoa afetiva, e isto depende muito da sua interação com o seu eu e com o outro.

Dentro dos aspectos colocados no parágrafo anterior, as atividades executadas durante o Simpósio vislumbraram a importância de trabalhar pelo viés interativo entre ouvir, dialogar e agir. E estas situações interativas e dialógicas são confirmadas por Emiliano (2015), ao propor que o processo de formação da personalidade se estrutura através das interações afetivas, sociais, cognitivas e dialógicas. Esta afirmação deixa bem claro o conceito de Vygotsky (1998), que enfatiza que é no processo de formação da personalidade que se adquire a afetividade por meio da interação. Para Buber (1979), a necessidade da presença

da palavra e do diálogo é tratada como fator mediador das relações humanas. O diálogo é a presença viva das manifestações sociais no processo de ensino-aprendizagem, e, conseqüentemente, fator relevante para a formação plena do ser humano.

5. O sentido e o significado das interações

No último dia do Simpósio, a palestra da professora Rosa Jussara enfatizou que é preciso entender que a aprendizagem é significativa quando novos conhecimentos passam a significar e a ter sentido tanto para os educadores quanto para os educandos, e os gráficos de desempenho, por si só, não são capazes de explicar as particularidades de cada instituição educativa, dos seus valores educacionais, e por fim, não poderão resolver os problemas de aprendizagem.

Para Vygotsky (1998), a compreensão das situações em que ocorre a aprendizagem, o processo de mediação e interação individual e coletiva são características que precisam ser observadas para que se tracem estratégias de aprendizagem.

Conforme evidencia a palestrante Rosa Jussara, foto 6, cabe às políticas de verificação da aprendizagem conciliar vários fatores inerentes à condição humana, ou seja, reunir os diversos aspectos: social, cultural, cognitivo e afetivo, para que haja funcionalidade nas estratégias de ensino, com o objetivo de sanar não apenas os problemas da aprendizagem, mas os variados fatores que influenciam também para a sua ineficácia.

Por outro lado, a sala de aula e a escola, enquanto instituições possuem seus contornos, não apenas físicos, mas culturais, sociais e econômicos que abrangem um universo subjetivo de relação entre os sujeitos que ensinam e que aprendem mutuamente. E essas particularidades devem ser levadas em consideração, pois o objetivo da educação não é conceber ou repetir verdade acabadas, mas inserir um processo de investigação e de descoberta entre ensino e aprendizagem.

Vygotsky, Luria e Leontiev (1998) afirmam que o conhecimento relacionado à interação social se dá a partir de um grande processo de aperfeiçoamento cultural proporcionado ao ser humano quando ainda criança, isto porque ela vai se desenvolvendo de acordo com “[...] a capacidade de seus genitores em repassar informações e ensinamentos que levem a criança a crescer tendo a capacidade de se tornar um ser afetivo.” (EMILIANO, 2015, p. 61).

Foto 6

Palestra: O sentido e o significado no processo educativo



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A autora traz mais uma abordagem bem significativa, quando trata da possibilidade de uma pessoa se sentir bem no ambiente em que ela está. Entendemos que todo sujeito ao ter interação social, ele está em um processo da construção do conhecimento, isto é, ele está aprendendo a se socializar para, a partir de então, descobrir ou emplacar os momentos afetivos, e nesta oportunidade podemos traduzir essas informações para os nossos dias. Diante dessas considerações, em uma última enquete *online*, o professor Idalberto solicitou aos educadores uma reflexão sobre elementos que poderiam ser trabalhados para o aprimoramento de suas práticas docentes. Os resultados dessa autoavaliação, com a participação de 34 educadores, são apresentados na figura 3, na forma de uma nuvem de palavras.

Os resultados da figura 3 evidenciam, entre outros fatores, as palavras dinamismo, interação, prática pedagógica, paciência, amor e tempo, como os itens recorrentes a serem trabalhados nas aulas dos educadores.

A partir desses resultados, pôde-se fazer uma leitura de que levamos em consideração a importância da interação na relação do professor e seus estudantes, e sabe-se que qualquer pessoa em seus primeiros passos de aprendizado na educação formal, terá o primeiro contato com um professor. Sendo assim, há a oportunidade para o começo do processo das interações sociais, e

Em relação à afetividade, Emiliano (2015), em sua performance para compreender Wallon, traz informações pelas quais deixa claro que o homem, sendo um ser único, é capaz de influenciar o meio em que vive. Neste sentido, o professor é o protagonista, ele consegue influenciar um grande grupo quando ele está executando o ofício do ensino e aprendizagem com sentido e com significado.

Para Emiliano (2015), somos o sujeito da singularidade, isto é, cada vez que interagimos com os estudantes, permitindo a eles um momento de reflexão, naturalmente nós estamos ofertando a eles a oportunidade para socializar-se e, por isso, crê-se que é nesse momento que surge a construção da afetividade entre os grupos. A autora mostra que o homem tem entendimento único, ou seja, só pensa em estar bem onde quer que esteja.

Durante os trabalhos realizados neste Simpósio, foi possível observar que há pessoas com os mais variados tipos comportamentais; sendo assim, tais comportamentos promovem momentos reflexivos, a fim de que todos se engajem no processo da busca pela sua razão de ser, haja vista que, afinal de contas, ser afetivo é ser feliz com o trabalho que se predispõe a fazer. Dentro do contexto das marcas que os professores exemplares deixam em nós, tivemos também o relato da professora Maria Célia da Silva Gonçalves, foto 7, que, de forma simples e afetuosa, relatou como os professores que passaram na vida dela contribuíram para o seu crescimento pessoal, social e profissional. Ela era uma trabalhadora do campo e atualmente tem pós-doutorado e atua como professora, mesmo já estando aposentada.

Foto 7 - Relato: Como me tornei professora



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Contribuindo com o relato da professora, Bonfim (2013) evidencia que é preciso transformar a prática pedagógica, priorizando o ser humano e sua bagagem social e cultural na busca da dignidade humana. A transformação social ocorre por meio de uma educação embasada na ética humana, no diálogo de saberes e em uma prática que trabalha todo o contexto do educando e suas perspectivas no aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser frente ao seu desenvolvimento intelectual, social, cultural e humano.

Ao observarmos todo o contexto da acolhida do Simpósio oferecido aos educadores, e analisarmos as dinâmicas trazidas pelos palestrantes, é possível perceber que a afetividade permeia todo o processo, tornando-se essencial durante a mediação pedagógica nas interações dos professores com os palestrantes e profissionais que ofertaram as oficinas pedagógicas. Ou seja, a interação discutida aconteceu a partir das tarefas executadas no ambiente, e que as mesmas tiveram como propósitos a geração da afetividade entre os sujeitos, utilizando o diálogo como meio de interação.

Por que o diálogo, a interação e a afetividade são tão importantes no processo de ensino e aprendizagem? Esta é mais uma questão interessante que acreditamos ser necessário responder. É provável que tudo começa a partir do convívio dos estudantes e seus professores. Como já foi abordado, quando o estudante chega à escola, seu primeiro contato é com um(a) professor(a), isto reforça a ideia que a ligação entre estes três conceitos inicia ali.

Conforme Basso (1998), o trabalho docente é sempre acompanhado por intervenções, e os resultados são sempre vistos quando o estudante se empenha, cumprindo com o solicitado pelo professor. Entende-se que esta oportunidade é que gera a reciprocidade como consequência da afetividade em relação à atitude do professor. Nesse sentido, a elaboração do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, pelo teórico Vygotsky (1998), demonstra a relevância de aproximar o abstrato do real, utilizando-se para essa aproximação os sujeitos e suas experiências.

Diante de tantas complexidades no processo de ser educador, o diálogo deve permear todos os espaços, ou seja, todo professor tem grande capacidade de proporcionar boas práticas pedagógicas. Para o trabalho docente é gratificante ver os estudantes serem formados, o professor tendo ciência que isto é o resultado dos momentos de diálogo e interação entre as partes. (BASSO, 1998).

6. A interação como mediadora do conhecimento

As estratégias de ensino podem contribuir para a motivação dos discentes em práticas educativas que os instigam para a interação em torno do aprendizado. Para Neves Júnior et al. (2015, p. 20), “outro fator importante é o de que as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes devem ser capazes de sensibilizar (motivar) e de envolver os alunos ao ofício do aprendizado, deixando claro o papel que lhe cabe”. Dentro dessa proposta, a prática pedagógica é ação sublime, pois ela nos dá a oportunidade para entender que o trabalho docente tem, sim, uma finalidade importante, de fazer a mediação do conhecimento.

As diversas intervenções realizadas no Simpósio referem-se ao momento em que o professor instiga o estudante ao aprendizado, de forma a valorizar a ligação que deve haver entre ambos. Dessa forma, o diálogo é inevitável. Como afirma Síveres (2017, p. 119), “[...] o diálogo é um princípio existencial da condição humana, mas também uma dinâmica transversal da trajetória civilizacional, e se revela, essencialmente, no processo epistemológico e pedagógico.”

Sobre a questão de ser ou não ser afetivo, o educador para atuar na formação de um educando afetivo, segundo Lopes (2015), necessita de um espaço mais propício para se desenvolver a afetividade, podendo mesmo ser o espaço escolar pela razão de que inúmeras pessoas estão compartilhando esse mesmo espaço. A escola é um espaço dedicado à prática do conhecimento, de aprendizagem de conceitos e conteúdos das distintas disciplinas, e, ao mesmo tempo, um espaço de socialização e de interação das pessoas. “O interessante é que os conhecimentos e as boas práticas afetivas não estão ligadas somente aos estudantes, mas, entre os professores.” (LOPES, 2015, p. 6).

Entendemos que, se o professor estiver preocupado com o espaço da aprendizagem e interessado em promover estratégias de ensino que tornem o ambiente escolar mais prazeroso para o estudante, ele acaba aprendendo juntamente com seus alunos. “As práticas pedagógicas devem ser baseadas na qualidade para que se desenvolva uma avaliação diagnóstica que interfira em uma política educacional que questione o papel da escola e que o foco seja o real aprendizado dos alunos.” (BONFIM, 2019, p. 4).

Cada educador ou educadora precisa estar em comunhão com a comunidade escolar em que ele atua, mas ao mesmo tempo não poderá romper as boas relações com seus alunos. É preciso cultivar a reciprocidade. Conforme Emiliano, estudante e professor devem viver em comunidade, ou seja, participando de todos os eventos da educação, tendo entre si a mesma alegria. Conforme a au-

tora, “a relação aluno-professor pertinente à afetividade é a possibilidade de o professor viver em comunidade [...]” (2015, p. 69). No entanto, fica claro que sem contrapartida, ou seja, sem a participação de todos, não se gerará a tão necessária afetividade, haja vista que ela é muito importante na relação do professor e o estudante.

O conjunto de toda a interação permeada pelo diálogo contribui para o processo de ensino e aprendizagem, como corroboram Neves Júnior et al. (2015, p. 27), “[...] o relacionamento interpessoal, [...], é a habilidade do professor em comunicar-se com os estudantes de modo a aumentar a motivação, o prazer, e o aprendizado autônomo”. Portanto, não há neutralidade no ensino e aprendizagem, mas sim um diálogo entre o ser, o conhecer e o agir. Ser, no sentido de vivenciar sua cultura, seus valores, suas raízes. Conhecer, como investigação científica sobre o processo de aprendizagem, e agir enquanto fidelidade aos princípios norteadores da educação, que alicerçam a interação entre o ser aprendente e o ser ensinante.

Durante os três dias do Simpósio, notamos que o diálogo, a interação e a afetividade delinearam e deram o tom para cada acontecimento. Observamos que a realidade das pessoas em seus ambientes é o que dita as normas da vivência harmônica. Vimos que os educadores estão carentes de uma escuta ativa, de um olhar cuidadoso e de oportunidades de formação que tragam conteúdos, e se valorize a harmonia entre o ser e o saber, conforme evidencia a figura 4 a seguir, em que se elenca as palavras mais utilizadas pelos participantes do Simpósio para definir a condição de ser educador.

O estágio de desenvolvimento da pessoa influencia o gostar ou deixar de gostar do seu próximo. Para Kobal, nem sempre uma pessoa que se relaciona em harmonia no seu ambiente de trabalho é necessariamente afetiva. “Aquilo que a autora chamou de desenvolvimento, é nada mais, nada menos, do que o entrosamento e a colaboração mútua sem exigir reciprocidade” (2017, p. 8). E estas singularidades devem ser respeitadas. Pois, pelo pensar interativo, o doar e o receber não precisam necessariamente ter o mesmo peso, mas, sim, ter sentido e significado.

Quando se discute a questão do comportamento humano, muitas vezes nos perguntamos sobre a vantagem de ser cortês um para com o outro. Se fizéssemos a mesma pergunta a todos que estão em nossa volta, sem dúvida que a resposta seria a mesma. A forma como eu trato a pessoa, é dessa forma que gostaria de ser tratado, ou seja, não faça comigo aquilo que não fiz a você. Neste caso, poderemos traduzir este pensamento com a frase: “[...] os bons modos cabem em qualquer lugar.” (FREITAS, 2018, p. 17).

Fonte: Elaboração com os dados coletados da pesquisa (2019).

Assim, a ação educativa tem fundamental importância quando se conecta ao contexto social dos estudantes. Conforme Freitas (2018), os bons modos e a educação devem ser usados em qualquer circunstância, isto é, cabem em “qualquer lugar”. Esta proposição poderia ser complementada com a sugestão de Freire (2006, p. 389): “Assim, nesse seu discurso Paulo diz, sobretudo de sua crença na educação e nos seres humanos, que deve começar pela conscientização dos problemas que, nós mesmos, antieticamente instalamos na convivência social”. Ou seja, que os seres humanos possam aprender e reaprender desenvolvendo sua capacidade de pensar e de fazer a crítica no conjunto da realidade social partilhada. Estes foram os objetivos principais do I Simpósio Diálogo Educacional: caminhos e travessias: partilhar saberes, reaprender a ouvir e dialogar sem julgar.

Considerações finais

O mundo da educação parece complexo, porém, quando sonhamos com um processo educacional mais humano, e quando participamos da trajetória da

educação, aí percebemos que somos complexos. O presente relato buscou compreender o que diz respeito ao processo de educar com qualidade, valorizando os modos de interação entre educadores e educandos.

O resumo do conceito de afetividade expresso por Vygotsky (2001) refere-se ao estágio emocional de cada indivíduo, ou seja, um professor pode ser afetivo com seu educando, e este pode ser afetivo com seu professor, a depender do estado emocional de cada um. Sendo assim, a pesquisa buscou analisar a formação continuada de professores oportunizada pelo I Simpósio Diálogo Educacional: caminhos e travessias, no qual o peso da relação de cada envolvido no processo educacional foi evidenciado por meio das diversas formas de atividades interativas realizadas.

A pesquisa auxiliou, de maneira exitosa, o entendimento de como é importante a articulação entre interação, diálogo e afetividade na relação entre os educadores e em todo processo de ensino-aprendizagem. Este relato é um exercício sobre as várias formas de interação ao longo do processo educacional, trazendo a empatia necessária para que todos se respeitem, dialoguem e partilhem o ser, o saber e o agir em um ambiente aberto para o conhecimento e para o reconhecimento do ser.

Concluindo este breve estudo, dizemos que este relato de experiência, a partir do evento do Simpósio, resultou, como na Grécia Antiga, numa grande festa repleta de alegrias e reflexões, em que o exercício do diálogo, sempre carregado de sentido e significado, se fez intensamente presente, abrindo um campo de possibilidades para o exercício da prática docente pautada pela interatividade, afetividade e diálogo, como condições para o êxito do processo de ensino e aprendizagem.

Referências

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 44, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-32621998000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 26 maio 2019.

BONFIM, R. J. *Saberes da prática pedagógica que favorecem o pleno desenvolvimento do educando*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília. DF: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília. 2013.

BONFIM, R. J. Educação inclusiva: reflexões sobre a avaliação, performance e complexidades. *Revista Observatório*, v. 5, n. 1, p. 528-548, 14 jan. 2019.

BUBER, M. *EU-TU*. 2. ed. Tradução: Newton Aquiles Von Zuber. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

DEMO, P. *Educar pela Pesquisa*. Coleção Educação Contemporânea. 8. ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

EMILIANO, J. M. *Vygotsky: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente*. 72 fls. Dissertação. (Mestrado em Pedagogia). Centro Universitário UNIFAFIBE - Bebedouro, SP, 2015.

FREIRE, A. M. A. Educação para a paz segundo Paulo Freire. *Educação*, Porto Alegre, RS, ano XXIX, n. 2(59), p. 387-393, maio/ago. 2006.

FREITAS, E. de. Boas Maneiras na Escola. *Brasil Escola*. 2018. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/comportamento/boas-maneiras-na-escola.htm>. Acesso em: 26 maio 2019.

KOBAL, K. *A afetividade no processo de ensino-aprendizagem*. 2017. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/vital-brazil/a-afetividade-no-processo-de-ensino-aprendizagem>. Acesso em: 26 maio 2019.

LOPES, R. de C. S. *A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem*. Paraná, 2015, p. 28. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

NEVES JÚNIOR, I. J. das; MOREIRA, S. A.; COSTA, L. B.; NUNES, M. L. da S. As características do professor exemplar segundo os discentes do curso de ciências contábeis da Universidade Católica de Brasília (UCB). *CONTABILOMETRIA - Brazilian Journal of Quantitative Methods Applied to Accounting*, Monte Carmelo, v. 2, n. 1, p. 15-37, 1º sem./ 2015.

PARREIRA, G. G. *Martin Buber e o sentido da educação*. Goiânia: IFG, 2016.

SALLA, F. *O conceito de afetividade de Henri Wallon*. 2011. Disponível em: [https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri wallon](https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon). Acesso em: 4 maio 2019.

SÍVERES, L. Os processos pedagógicos no exercício da docência. *Rev. Educ.*, Brasília, ano 40, n. 153, p. 114-128, jan./jun. 2017.

SÍVERES, L. *Pedagogia Alpha: presença, proximidade e partida*. Curitiba: Publishing, 2019.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Icone, 1998.